



CRESCIMENTO DESIGUAL: URBANISMOS TÁTICOS PARA MEGACIDADES EM EXPANSÃO ENTREVISTA COM PEDRO GADANHO

por Paula Bruzzi Berquó*

Em novembro de 2014 estive no MoMA (Museum of Modern Art), em Nova York, para os eventos de abertura da exposição *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities* e de lançamento da publicação homônima, na qual foi incluído o projeto *Museu do Instante*, que realizei em parceria com o escritório DOBRA Oficina de Arquitetura, em Belo Horizonte.

Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities é a terceira exposição da série *Issues in Contemporary Architecture*, criada em 2009 pelo Departamento de Arquitetura e Design do MoMA com o escopo de abarcar problemas situados para além do âmbito habitual da arquitetura. As duas primeiras exposições, *Rising Currents: Projects for New York's Waterfront* (2010) e *Foreclosed: Rehousing the American Dream* (2012) afrontaram questões relativas a contextos específicos, de Nova Iorque e dos Estados Unidos, respectivamente. *Uneven Growth*, no entanto, parece surgir da tentativa de ampliar a discussão para uma nova sorte de “catástrofe”, cuja escala atinge a esfera global. Trata-se da forma marcadamente desigual com que vêm se expandindo as grandes metrópoles contemporâneas, bem como da velocidade com que têm se ampliado as parcelas informais de seus territórios. Em 2030, estima-se que um quarto de toda a população do planeta resida para além das fronteiras urbanas formais.

Diante desse quadro, um questionamento inevitável: como intervir em um espaço global crescentemente informal? *Uneven Growth* nos convida a partir da experiência coletiva, de caminhos que há muito já vêm sendo traçados pelos próprios habitantes dessas áreas marginais. Urbanismos táticos, “puxadinhos”, redes, mutirões. Na ótica de Michel de Certeau, maneiras de fazer dos que modificam, por meio do uso, os espaços que lhes são dados à assimilação. “Urbanismos” que escapam aos limites disciplinares, já que promovidos pelo “qualquer um”. Movimentos que, ao realizarem-se para além das balizas da cidade formal e de suas formas de controle, aqui nos interessam de maneira especial.

Segue, a seguir, uma entrevista que realizei com o curador da exposição, o arquiteto português Pedro Gadanho, um dia antes de sua abertura ao público.

PAULAB: Fale um pouco sobre as razões de se realizar uma exposição a respeito do urbanismo tático nesse momento histórico, e sobre o sentido de isso ocorrer dentro de uma instituição como o MoMA.

PEDROG: A primeira pergunta tem a ver com o fato de existir aqui [no MoMA] uma série dedicada a grandes problemas, que estão para além do típico âmbito da arquitetura. A série tem o nome de *Issues in Contemporary Architecture* e focou primeiro em aspectos relativos à subida do nível das águas do mar [em Nova Iorque] e depois na questão das hipotecas nos Estados Unidos, e na maneira com que isso nos leva a questionar a sustentabilidade do subúrbio enquanto modelo urbano. Na sequência dessas exposições, eu propus que a terceira fosse exatamente sobre um outro problema, que pode representar um aspecto igualmente catastrófico em termos sociais e econômicos nos próximos anos. Ele tem a ver exatamente com a desigualdade social nas cidades, que está a crescer nesse momento. Esse é obviamente um problema que pode vir a ter um mesmo grau de catástrofe que os outros, não é? Portanto, pareceu-nos que era um tema importante para lançar um desafio aos arquitetos, no sentido de criar visões que possam gerar reflexões sobre essa questão, assim como o tema dos urbanismos táticos, que já estão a surgir exatamente como resposta à desigualdade de recursos, ou até a necessidade das pessoas de apropriarem-se dos espaços urbanos. Pensamos que era importante tomar esses movimentos como inspiração e, portanto, o *briefing* dos arquitetos era muito claro: pedimos a eles que tomassem inspiração nesses movimentos, que já acontecem, de forma a criar visões para um futuro.

A razão de ser, aqui, é que o MoMA é uma grande plataforma de comunicação. Atinge uma grande audiência, não só com relação ao público que vem aqui, que pode atingir facilmente 800 mil ou 1 milhão de visitantes para essa exposição. O MoMA é também uma plataforma para os média, ou seja, um modo de divulgar esse problema e torná-lo um tema “quente” em termos de discussão geral. O que me parecia é que essa discussão vinha acontecendo em círculos muito pequenos de especialistas, quer estejamos a falar do Brasil quer estejamos a falar de Nova Iorque. Não era um problema que as pessoas discutissem cotidianamente a não ser quando lhes afetava, obviamente, a qualidade de vida. Mas a discussão das possibilidades que temos para endereçar o problema é que não estava realmente ocorrendo. Ou seja, as pessoas estavam um pouco a tomar o problema em suas próprias mãos, exatamente com esses urbanismos táticos, mas não havia uma discussão que engajassem quer políticos, quer ONG’s, quer os próprios arquitetos. Parece que até aqui os arquitetos têm estado muito mais empenhados a dar resposta à encomenda que vem do 1% da população, o que tem a ver com o poderio económico. Mas, também, me parece que há muito campo de investigação para a criatividade arquitetónica justamente quando se começa a endereçar às demandas dos outros 99%.

PAULAB: Em que medida a própria exposição tem um carácter tático, no sentido de apontar outros possíveis caminhos para a arquitetura contemporânea?

PEDROG: Eu diria que a exposição é tática pelo fato de sugerir visões que não são necessariamente realizáveis já nesse momento, de ter mais a ver com “lançar a discussão”. Ou seja, pretende-se mais lançar a discussão, como estava a dizer antes, do que propriamente oferecer soluções acabadas, porque eu acho que não há soluções para esse problema, não nesse momento. Quer seja vindas de autoridades, universidades, quer vindas de planejadores urbanos ou de arquitetos, nesse momento não há, de fato, soluções para o problema. Há, quando muito, algumas primeiras abordagens e, nesse sentido, quase um tatear do que pode vir a ser feito num futuro próximo. Mas é no *website*, que foi criado propositalmente na plataforma *tumblr* para poder receber contribuições das pessoas, que a exposição é mais tática. É aí que se pode continuar para além da exposição física aqui no museu e, mais uma vez, tendo o MoMA muito eco, pode engajar mais gente e pode sugerir a mais gente que contribua com as suas próprias intervenções na cidade. Essa plataforma vai se tornar, portanto, uma espécie de catálogo *online* que continuará a crescer para além da exposição. Parece-me que está aí, realmente, o momento mais tático do projeto.

PAULAB: A tentativa de atravessamento entre os contextos locais (das seis cidades escolhidas) e a esfera global, parece-me ter sido uma tônica, um ponto estruturador do projeto. Como você enxerga essa relação?

PEDROG: Sim, o processo foi todo muito livre, pois eu acho que até aqui tem prevalecido muito ainda uma lógica colonialista, mesmo quando se fala sobre conhecimento e sobre intervir na cidade. Ou seja, nos centros de produção do pensamento sobre a cidade, em universidades nos Estados Unidos ou na Europa, os arquitetos vão a lugares como o Brasil ou a África e trazem o seu pensamento, querem impor um modelo ao desenvolvimento para as cidades. Mas, ao mesmo tempo, há também pessoas desses locais que estão a estudar nesses lugares, que estão em contato e em comunicação com esses outros centros de pensamento. Parece-me que é preciso ir para uma nova fase, em que há mais colaboração entre aqueles que conhecem bem a realidade local e aqueles que podem trazer uma visão externa. E foi esse o desafio da exposição, juntar times locais, que já estão a atuar no terreno, e convidá-los a dialogar com pessoas que têm uma perspectiva necessariamente diferente, vinda de fora, e com outras preocupações. E aí há uma vontade de criar uma química especial, gerar algo que sozinhos os grupos não poderiam fazer, mas que em diálogo gera qualquer coisa de novo. E foi esse o desafio, mas também no sentido de propor uma lógica que já está para além, um outro tipo de lógica que não a colonial que ainda continua a acontecer nos dias de hoje.

PAULAB: Com relação às soluções apresentadas pelos arquitetos ao final do processo, em sua maioria micro-ações específicas para o contexto local onde se inserem: como você enxerga uma possível transição dessa esfera para um contexto mais amplo?

PEDROG: No fundo, pareceu-me que o local teria sugerido soluções muito específicas, que têm muito a ver com problemas muito específicos, e não havia aqui uma missão de responder globalmente ao problema de cada uma das cidades. Mas depois, essas respostas dadas podem ser replicadas para situações semelhantes. Ou seja, aquilo que já está a ser feito a nível do urbanismo tático na favela, há muitos anos no Brasil, tem significado em Mumbai, quando se está a pensar em destruir as favelas e a deslocar populações. Portanto, no fundo, a exposição fala um pouco de algo que também já está começando a acontecer, as cidades começam a aprender umas com as outras, porque estão em níveis diferentes de desenvolvimento com relação a esse problema da desigualdade e de como lidar com isso em termos urbanísticos. E, portanto, acho que é muito útil que essas soluções específicas depois possam ser replicadas globalmente para outras situações.

PAULAB: Sobre os espaços de uso comum (*commons*), que apareceram em destaque em muitos projetos — como o desenvolvido para a cidade de Istambul: você considera esta uma ideia central para se discutir o urbanismo tático?

PEDROG: Sim, sem dúvida. É a questão do espaço público, que sempre foi uma questão definidora da cidade e que sempre esteve relacionada com a própria ideia de cidadania. *Pólis* e política vêm da mesma raiz. E, portanto, o fórum público, o espaço público, é um lugar fundamental para expressar cidadania e exercitar a democracia. Nesse sentido, os *commons*, lugares que pertencem a todos e que podem ser apropriados por todos, são provavelmente a via natural, onde podem não só existir essas intervenções táticas, mas também a discussão do que pode ser feito para melhorar a qualidade de vida nas cidades. Mas, obviamente, isso não pode ser desligado de questões que têm a ver com a função do governo de fornecer infra-estrutura, saúde, educação, com questões de planejamento urbano a um outro nível, que se possa conjugar e entrelaçar com essas intenções que são bottom-up (que vêm de baixo). Enfim, não se pode desligar de outras questões muito complexas, por isso a solução é difícil. Mas parece-me que faz parte do problema, obviamente, lidar com a ideia de espaço público, com a ideia de como esse espaço público não é só uma imposição de algo monumental, institucional ou de representação do Estado, mas é realmente um ponto de encontro entre essas forças e a maneira como as pessoas apropriam-se da cidade.

PAULAB: Você enxerga a noção de *commons*, assim, imbricada necessariamente à ideia de espaço público?

PEDROG: Sim, sem dúvida. Há diversos conceitos de *commons*, mas eu acho que o que devíamos estar a discutir é o espaço público. E, curiosamente, que com os mídias, passou a ser também a noção de esfera pública, ou seja, onde há as discussões, onde há os encontros e até os conflitos, como vimos no caso do Brasil. É importante e curioso dizer que as cidades foram escolhidas antes de aparecerem os conflitos em Istambul e no Rio, e agora, mais recentemente, até em Hong Kong (claro que já tinha havido o Occupy New York). Mas esse é um aspecto importante de destacar, as cidades aqui foram escolhidas pois já tinham essa tensão social muito em evidência. E esses protestos que aconteceram, para além de outras questões locais — que têm a ver com políticas do governo e com o espaço público, no caso de Istambul — surgiram todas quando já estávamos a trabalhar sobre o tema. Portanto, já havia uma percepção da presença de uma tensão e um conflito social importante.

PAULAB: Na sua perspectiva, qual deveria ser a postura do arquiteto, do curador de arquitetura e dos demais profissionais que lidam com a produção do espaço (e aí incluem-se designers, urbanistas, artistas), frente aos paradoxos apresentados pelas cidades atuais?

PEDROG: Eu vejo o arquiteto, talvez o curador de arquitetura, e todas as pessoas que estão envolvidas de algum modo com o ato de refletir sobre a questão do espaço urbano, como intermediadores. Ou seja, como alguém que tem o conhecimento associado à questão top-down, que tem ligações com o planejamento urbano e com a tradição do governo e do *policy making*, do outro lado, com as pessoas. Portanto, eu acho que, mais e mais, o arquiteto deveria ser um intermediador entre essas duas diferentes entidades, já que é aquele que tem o conhecimento para permitir o diálogo entre umas e outras, e que percebe, também, como as pessoas se apropriam do espaço. Algo que um arquiteto tipicamente aprende é como as pessoas recebem e, supostamente, usam os espaços. Portanto, nesse sentido, penso que, cada vez mais, ele deva ser intermediador. E, também, alguém que não espera que o projeto “caia no colo”, que espera encomendas para fazer o projeto X ou Y, mas uma pessoa que, como o artista, pode tomar a iniciativa de propor intervenções. E eu acho que isso já está acontecendo, não estamos a dizer mais do que aquilo que já está a acontecer.